

**O jornal-laboratório como crítica da cidade:
saneamento básico, moradia e mobilidade
urbana nas páginas do *Foca Livre***

The laboratory newspaper as a critic of the
city: basic sanitation, housing and urban
mobility in the pages of *Foca Livre*

Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo



FELIPE SIMÃO PONTES¹
GUSTAVO YOSHIO BAN²

RESUMO

O jornal-laboratório *Foca Livre*, do curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), tem por fundamento ser um espaço de experimentação e crítica para os estudantes sobre a universidade e a cidade. Neste texto, apresenta-se uma seletiva de reportagens sobre saneamento básico (abastecimento de água, esgotamento sanitário, limpeza urbana e manejo de resíduos), moradia e mobilidade urbana, reconstituindo traços da política editorial que se mantém ao longo dos mais de 23 anos de existência do periódico. A análise tem como fundamento metodológico o estudo da narrativa proposta por Motta (2005), mais especificamente a recomposição da intriga dos temas explicitados. Considera-se o jornal-laboratório como um monumento histórico que permite a compreensão e a explicação da história de Ponta Grossa e, principalmente, da história do posicionamento editorial do curso de Jornalismo da UEPG frente a problemas estruturais da cidade.

PALAVRAS-CHAVE

História do Jornalismo. *Foca Livre*. Ponta Grossa. Planejamento urbano.

ABSTRACT

The *Foca Livre* laboratory newspaper, of the course of Journalism of State University of Ponta Grossa, was founded to be a space of experimentation and criticism for the students about the university and the city. In this article is present a selective of reportages about basic sanitation (water supply, sewage, street cleaning and the management of waste), housing and urban mobility, reconstituting traces of the editorial policy maintained over the more than 23 years of existence of the newspaper. The methodological analysis is based in the study of the narrative proposed by Motta (2005), more specific, in the recomposition of the intrigue of explicitated themes. The laboratory newspaper is considered a historical monument which allows the understanding and explanation of the history of Ponta Grossa, and especially the history of editorial policy of course of Journalism of UEPG towards the city's structural problems.

KEYWORDS

History of Journalism. *Foca Livre*. Ponta Grossa. Urban planning.

Recebido em: 06/06/2016. Aceito em: 25/11/2016.

¹ Pós-doutor em Jornalismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Doutor em Sociologia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Mestre em Jornalismo pela UFSC. Bacharel em Comunicação Social/Jornalismo pela UEPG. Professor adjunto do Departamento de Jornalismo da UEPG. E-mail: felipe271184@yahoo.com.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5074838842332337>.

² Licenciado em História pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Graduando em Jornalismo pela UEPG. E-mail: eugustavoban@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1768831139811410>.

O jornal-laboratório como crítica da cidade:

saneamento básico, moradia e mobilidade urbana nas páginas do *Foca Livre*

1 INTRODUÇÃO

O curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) tem por característica uma ampla e variada produção laboratorial nos 30 anos de sua existência, partindo do pressuposto que todas as produções realizadas pelos estudantes e professores fazem parte de um importante registro para a história do curso, da universidade, assim como colabora para a manutenção da memória da cidade de Ponta Grossa.

De acordo com dados do IBGE (2016), a população de Ponta Grossa é de aproximadamente 340 mil habitantes, a quarta maior população do Paraná. A 103 quilômetros da capital Curitiba, a cidade é um importante centro universitário. Além da UEPG, o município sedia um campus da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) e mais quatro faculdades e centros universitários privados. Na cidade, há apenas mais um curso de Jornalismo, sediado na Faculdade Santa Amélia. Quanto à presença comunicacional impressa em Ponta Grossa, o produto laboratorial *Foca Livre* do curso de Jornalismo da UEPG é o segundo jornal mais antigo da cidade com circulação ininterrupta (desde 1993, perfazendo 23 anos). O *Jornal da Manhã* circula com periodicidade constante desde 1954, e o jornal *Diário dos Campos*, fundado em 1907, suspendeu sua circulação em 1990 e retornou em 1999. Nos últimos 25 anos, em poucos houve mais do que três jornais impressos com periodicidade.

Nesse aspecto, ressalta-se a importância dos produtos laboratoriais do curso perante a instituição e a cidade. Pensando na manutenção dessa memória coletiva, estão em processo de catalogação, preparação para estudos e digitalização os jornais *O Cobaia*, *Imagem e Ação*, *Contraponto*, *Encarte e Monteiro*, além do *Foca Livre*.

Esses periódicos existem desde 1987, com a produção voluntária de *O Cobaia* pela primeira turma de Comunicação Social/Jornalismo da UEPG (fundado em 1985). O *Foca Livre* teve sua primeira edição em 1991 e, a partir de 1993, passou ao posto de jornal-laboratório oficial do Departamento de Comunicação Social/Jornalismo, com oito edições anuais. O jornal teve circulação ininterrupta, perfazendo 191 edições até dezembro de 2016. Mesmo com parte significativa das pautas voltadas para a comunidade universitária, o *Foca Livre* estampou matérias da cidade, principalmente nas editorias 'Políticas

Públicas' e 'Cidades', muitas das quais, utilizadas nesse trabalho. Aqui, escolhe-se como recorte as notícias e reportagens que abordaram o saneamento básico (especificamente direcionadas ao abastecimento de água, esgotamento sanitário, limpeza urbana e manejo de resíduos), problemas com moradia e transporte urbano na cidade de Ponta Grossa.

O jornal, que tem como uma de suas características a fluidez nas editoriais, apresenta em uma mesma edição diferentes abordagens sobre a universidade e a cidade, como ilustra o Anexo 1. A partir dessas temáticas, expõe-se um registro sobre a cidade e, em simultâneo, verifica-se como a política editorial do periódico estrutura-se criticamente e analiticamente sobre problemas caros ao planejamento urbano.

2 O JORNAL-LABORATÓRIO, OS CURSOS DE JORNALISMO E O MÉTODO

O jornalismo é regulamentado no Brasil pela primeira vez em 1938, na vigência do Estado Novo, instituído pelo então presidente Getúlio Vargas. O projeto do presidente, segundo Petrarca (2009), tinha como objetivo organizar as atividades profissionais, incluindo a dos jornalistas. Ainda, segundo a autora, os cursos de Jornalismo ascendem em um período de busca pela formação de uma elite cultural que colaborasse para a construção da política nacional. Em decorrência da regulamentação, na década de 1940, começam a surgir as primeiras faculdades de Jornalismo no país, sendo pioneiro, em 1947, o curso de Jornalismo da Faculdade Cásper Líbero (São Paulo), vinculada ao jornal *A Gazeta*.

Segundo Lopes (1989, p. 26), os cursos de Jornalismo, em seus momentos iniciais, eram integrados às faculdades de Filosofia, caracterizando uma formação excessivamente teórica e humanista. Em um segundo momento do jornalismo no Brasil, para Villaça (2011, p. 21) expõe as tensões da prática jornalística e do ensino universitário a partir da instalação da ditadura militar. Em 1969, o Decreto nº 972 de 17 de outubro estabelece “[...] que a profissão de jornalismo só podia ser exercida por pessoas diplomadas na profissão. Situação [...] determinante para o crescimento do número de escolas de jornalismo no Brasil.” (VILAÇA, 2011, p. 22). Segundo Vilaça (2011, p. 21), em 13 de maio de

O jornal-laboratório como crítica da cidade:

saneamento básico, moradia e mobilidade urbana nas páginas do Foca Livre

1979, entra em vigor o Decreto 83.284, que regulamenta o Decreto-Lei n.º 972, em decorrência das alterações introduzidas pela Lei n.º 6.612, de 7 de dezembro de 1978. Em seu artigo 19, fica estabelecida a proibição do aprendizado prático por intermédio de estágio, bolsa de estudo ou bolsa de complementação nas redações de empresas jornalísticas.

Uma terceira fase ocorre a partir das eleições de 1974, com a reabertura política e com a demanda de novos profissionais do jornalismo, bem como a criação dos primeiros cursos de pós-graduação na área. Em decorrência, segundo Villaça (2011, p. 22) o Conselho Federal de Educação coloca a cargo das escolas de Jornalismo a responsabilidade de melhor preparar seus alunos para o mercado de trabalho.

De acordo com Vilaça (2011, p. 25), o Decreto n.º 83.284/79 que coibia o estágio de jornalismo, distanciava o que o aluno aprendia na escola com o fazer jornalístico, separando assim a teoria da prática. Para tentar sanar parte desse problema, a Resolução n.º 03/78, sancionada pelo Conselho Federal de Educação, estabelece a obrigatoriedade de órgãos laboratoriais nos cursos de Jornalismo. Para Lopes (1989, p. 33), desde o início das discussões sobre a importância dos jornais laboratoriais, buscou-se encontrar meios para aproximar as atividades práticas, relacionadas ao exercício do jornalismo, às disciplinas teóricas.

Além disso, pensava-se nesse momento em criar condições similares ao dia a dia do jornalista profissional para os estudantes, o que só seria possível mediante um processo de produção que se assemelhasse ao cotidiano da profissão. Trata-se, portanto, da premissa que os jornais laboratório não são somente espaços para equilibrar o excesso de conteúdos teóricos, mas consiste em uma prática que caminha junto da teoria (XAVIER; BRONOSKY, 2011, p. 3).

Fundado em 1985, o curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) produz seu primeiro periódico em 1987. Em 1991, é feita a primeira edição do *Foca Livre*, sem ainda uma periodicidade. Em 1993, o jornal passa a laboratorial do Departamento de Comunicação Social/Jornalismo, com oito edições anuais, constituindo-se como espaço pedagógico do curso, não somente como um laboratório voltado para a formação, mas como uma face política das relações do curso (especialmente dos estudantes, mas também dos

docentes) com a UEPG e com a cidade. Nas páginas do *Foca Livre*, as críticas à estrutura e administração da UEPG estão materializadas nas vivências e nas experiências compartilhadas pelos estudantes junto à universidade (MEZZON; PONTES, 2005). Por outro lado, a cidade também ganha contornos, leituras que pressupõem o afastamento crítico perante os fatos estruturantes que movimentam Ponta Grossa, como também de distanciamento frente às posições politicamente comprometidas das empresas locais de jornalismo.

Nesse aspecto, seguindo o que pressupõe Le Goff (1990, p. 538), o exercício de análise histórica e de memória pressupõe a ininterrupta produção de documentos. Diferente da concepção histórica clássica de documento como um reflexo da realidade passada, Le Goff entende o documento em seu aspecto de disputa, em que os resultados que permanecem no arquivo resultam de embates por versões, pelo discurso prevalente e também por resistência. Nesse aspecto, ao tomar o *Foca Livre* em sua dinâmica de produção, e por isso, como um documento aberto e polêmico (leia-se 'monumento') torna-se possível perceber as tensões que perpassam a relação do periódico com a universidade e, com mais ênfase neste esforço, com a cidade.

Considera-se a cidade como *lócus* de execução fim de políticas públicas integradas e que afetam diretamente a cidadania. Integradas, pois são resultados de esforços conjuntos de diferentes esferas de governo (nacional, estadual e municipal), com interfaces dos três poderes (executivo, legislativo, judiciário) e de instituições auxiliares (ministério público, defensoria pública e controladorias, etc.) para a gestão da coisa pública. As políticas públicas mais desenvolvidas e integradas são exemplificadas pela organização econômica, pela assistência social, pela saúde e pela educação.

[...] na Europa, a área de política pública vai surgir como um desdobramento dos trabalhos baseados em teorias explicativas sobre o papel do Estado e de uma das mais importantes instituições do Estado - o governo -, produtor, por excelência, de políticas públicas. Nos EUA, ao contrário, a área surge no mundo acadêmico sem estabelecer relações com as bases teóricas sobre o papel do Estado, passando direto para a ênfase nos estudos sobre a ação dos governos. (SOUZA, 2006, p. 22).

Ações dos governos, portanto, que afetam diretamente a vida das pessoas em aspectos estruturantes. Envolvem eficiência, capacidade

O jornal-laboratório como crítica da cidade:

saneamento básico, moradia e mobilidade urbana nas páginas do *Foca Livre*

administrativa, publicidade e mecanismos de fiscalização. Nesse aspecto, o jornalismo é partícipe como uma espécie de fiscalizador e/ou de chancela para ações governamentais pontuais que podem (deveriam) ser contextualizadas em políticas – em seu caráter estruturante. Normalmente, a crítica ao jornalismo é devida à superficialidade e fragmentação pelas quais as ações governamentais são tratadas, descontextualizadas das políticas públicas que as deveriam orientar.

Sob esse vértice, o trabalho laboratorial de jornalismo tem por tarefa incidir criticamente sobre ações pontuais de governos, buscando articulações com a melhoria substantiva da vida das pessoas. Articulado com ensino, o desafio é trabalhar com estudantes a cobertura crítica da cidade, repensando focos e conceitos não utilizados pelo jornalismo tradicional, comercial e/ou estatal. Nesse desafio, compreende-se o trabalho de cobertura do *Foca Livre* sobre as políticas públicas. Neste artigo, o foco de análise são as reportagens sobre saneamento básico, moradia e mobilidade urbana/transporte público.

238 |

O *Foca Livre* é um jornal de periodicidade mensal e que a cada ano é pensado e escrito por alunos e por docentes diferentes. Mesmo que o tempo para abordagens possibilite apurações mais aprofundadas do que o jornalismo cotidiano, não é possível estabelecer uma sequência histórica e, mesmo, uma recuperação de arquivo a cada assunto tratado. Nesse aspecto, a proposta de Motta (2005, p. 3), de juntar notícias isoladas sobre um mesmo tema, publicadas ao longo dos 23 anos do jornal-laboratório, torna possível a analítica pela ótica da narratividade. O objetivo, então, é o de integrar essas notícias remotas em uma sequência maior, determinando um acontecimento, com uma história só. De acordo com Motta (2005, p. 3), “[...] a realidade recriada adquire então nova estrutura, clímax e desfechos de histórias que se encaixam em uma narrativa inédita e completa. As notícias unitárias passam a ser parte de um acontecimento integral”. É a partir dessa narrativa que percebemos e construímos a nossa realidade no mundo, segundo o autor.

O primeiro movimento sugerido por Motta (2005, p. 4), e o que utilizamos aqui, é o de recomposição da intriga ou do acontecimento jornalístico, onde segundo o autor, é possível recuperar fragmentos desconexos de sentido a partir de notícias esporádicas e descontínuas de significações

parciais, que dificilmente contam uma história completa. Para entender o *Foca Livre* de acordo com a análise narrativa jornalística, é preciso conectar as matérias referentes a uma temática comum, identificando sua serialidade e seu encadeamento narrativo cronológico para sintetizar o tema em uma narrativa nova, um acontecimento jornalístico, “[...] surgindo uma nova intriga complexa que confere ao objeto outra significação.” (MOTTA, 2005, p. 5).

3 A CIDADE NAS PÁGINAS DO FOCA LIVRE

3.1 Saneamento básico

O saneamento básico, na perspectiva do esgotamento sanitário, foi pautado em cinco momentos pelo *Foca Livre*. A primeira reportagem, de 1992, na quinta edição do jornal, demonstra a falta de esgoto nas áreas periféricas da cidade (PISSAIA, 1992, p. 4). A repórter entrevistou o Secretário de Obras do Município de Ponta Grossa, que apontou a responsabilidade da Companhia de Saneamento do Paraná (SANEPAR) e do governo do estado do Paraná. Duas moradoras, dos bairros Palmeirinha e Vila Liane (periferia norte da cidade), apontaram que as ações do município em relação ao esgoto coincidiam com as campanhas eleitorais e ressaltaram que, após as eleições e as promessas, os problemas persistiam.

No ano 2000, o *Foca Livre* entrevistou uma moradora que também relatou as táticas do prefeito da cidade, que em situações específicas aparecia no local para realizar promessas. Morando próximo ao arroio do campus central da UEPG, a entrevistada afirmou que somente depois de deslizamentos e alagamentos na região é que as autoridades públicas apareceram (RODRIGUES, 2000, p. 4-5). Outro entrevistado da edição, engenheiro do Núcleo de Estudos do Meio Ambiente (NUCLEAM) da UEPG, garantiu que a falta de esgotamento na região decorre das moradias ilegais e de risco junto aos arroios. Na concepção do engenheiro, o remanejamento dessas famílias seria o ideal para que o arroio fosse tratado e a rede de esgoto instalada. Entretanto, segundo a moradora entrevistada, a saída do local para outro não é eficiente, pois na maioria dos casos o remanejamento é para áreas periféricas da cidade, que também não são beneficiadas pelo esgotamento.

O jornal-laboratório como crítica da cidade:

saneamento básico, moradia e mobilidade urbana nas páginas do Foca Livre

Em 2001, a reportagem 'Tratamento de água é privilégio' é pautada em entrevistas com o engenheiro da SANEPAR - a qual a edição de 1992 relatava ser o órgão responsável pelo esgoto na cidade - e com a Comissão Especial de Investigação (CEI), criada pela Câmara de Vereadores de Ponta Grossa, com intuito de investigar os trabalhos da SANEPAR (SCHOENHERR, 2001, p. 3). Essa reportagem, mesmo que nove anos após a outra, mostra a permanência do problema. Assim como em 1992, em 2001 muitas das áreas distantes da cidade ainda não possuíam sistema de esgoto. Mais uma vez duas mulheres são entrevistadas, moradoras dos Núcleos Verona e San Marino (periferia oeste da cidade), demonstrando a insatisfação em pagar o mesmo valor de pessoas que recebem serviços de esgotamento sem nunca ter efetivamente recebido. Dados confirmados pela SANEPAR, que afirmou que 20% das casas que pagavam não recebiam o serviço.

Já em 2003, o *Foca Livre* abordou o problema da falta de redes de esgoto a partir do Plano Diretor Municipal, que tinha a resolução como prioridade (MOURA, 2003, p. 3). O primeiro entrevistado foi o presidente do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano (IPLAN), que relatou que os problemas enfrentados pela falta de esgoto decorriam de diversos arroios localizados no perímetro urbano, e da presença de moradias em seu entorno, que não permitiam um redirecionamento do curso da água e, conseqüentemente, a implantação de tubulações de esgoto. Além do IPLAN, a reportagem ouviu a SANEPAR, que garantiu que 50% das casas de Ponta Grossa recebiam o esgoto adequadamente, e que os planos para os anos de 2005 a 2010, eram de atingir 90% dos domicílios. Procurado pelo autor da reportagem, o Secretário de Meio Ambiente do município não quis se pronunciar sobre a efetivação das metas.

Se para a SANEPAR, em 2003, o esgoto chegaria a 90% das casas até 2010, reportagem do *Foca Livre* de outubro de 2008 (Anexo 2) mostra que apenas 65% dos domicílios estavam providos da rede de esgotamento. O problema, para a Prefeitura de Ponta Grossa, continuava a ser as moradias irregulares em torno dos arroios urbanos. Para o entrevistado e diretor técnico da Agência Reguladora de Águas e Saneamento (ARAS), esse problema era de total responsabilidade das políticas públicas locais (ESSERT, 2008, p. 6). Outro apontamento, dessa vez do representante da ONG Grupo Fauna, o número alto

de falta de assistência de saneamento básico era decorrente da pouca informação da população, que não era ciente de seus direitos.

Outro problema que envolve o saneamento básico da cidade e que esteve presente no *Foca Livre* refere-se ao tratamento do lixo. Pautada tardiamente, a partir de 2001, a temática referente ao lixão da cidade (em região conhecida como Botuquara – zona rural que fica a leste da cidade) aparece pela primeira vez com a determinação da justiça de instalação de aterro sanitário no local (SANTOS, 2001, p. 3). Na época, aproximadamente 110 catadores de lixo tiravam seu sustento no lixão, dentre mulheres, idosos e crianças. Em entrevista com o então Secretário de Meio Ambiente da cidade, o mesmo garantiu que, com o aterramento do lixão, 60 pessoas seriam contratadas para a criação de uma nova cooperativa de reciclagem, com a finalidade de reutilizar ao menos 50% do lixo gerado em Ponta Grossa. No período da entrevista, apenas 5% do lixo era reciclado.

Em 2007, o jornal apresentou a versão da Prefeitura de que o aterro Botuquara teria mais 15 anos de vida útil (BUENO; MENEZES, 2007, p. 4). Mesmo com a ciência de que o local não era o mais adequado para receber o lixo da cidade, cerca de 150 toneladas eram depositadas diariamente. O Instituto Ambiental do Paraná (IAP), por meio de sua engenheira agrônoma, informou ao jornal que o aterro já havia esgotado sua capacidade de armazenamento, e que o município enfrentava dificuldades para encontrar um novo lugar. Em 2009, o *Foca* pautou as obras de reforma que se iniciavam no aterro do Botuquara sem aprovação do Conselho Municipal de Meio Ambiente (SCHEIFER, 2009, p. 3). Com entrevistas de especialistas em meio ambiente e solo, o destaque foi de que o local não tinha licenciamento ambiental. Segundo os entrevistados, a falta de legalidade do lugar decorria, assim como nas questões que envolviam o esgoto, pela falta de conhecimento da população da necessidade em diminuir o fluxo de consumo e produção de lixo e da ausência de debates coletivos sobre o assunto.

No ano de 2010, a partir da Lei nº. 12.305 que instituiu a Política Nacional de Resíduos Sólidos e que proibiu o uso de lixões a céu aberto nas cidades brasileiras, os prefeitos tiveram quatro anos para cumprir as exigências. Sete anos depois da última matéria sobre o tema, em 2014, o jornal debate a

O jornal-laboratório como crítica da cidade:

saneamento básico, moradia e mobilidade urbana nas páginas do *Foca Livre*

busca de soluções para o aterro de Ponta Grossa, que segundo a publicação, vinha seguindo as normas (DEL NÓBILE, 2014, p. 3). Entretanto, o mau cheiro era uma constante reclamação dos moradores próximos, assim como as dúvidas quanto à contaminação do solo, principalmente por metais pesados, devido ao tempo de implantação do aterro sanitário. Nesse momento, o lixo não passava por nenhum processo de tratamento e, portanto, pensava-se em uma parceria com a SANEPAR para a transformação dos resíduos em energia.

A atualidade do problema retorna perante o projeto de renovação do contrato da SANEPAR em final de 2015 e início de 2016. Além do problema de esgoto, a falta sistemática de abastecimento, as falhas do Plano Municipal de Saneamento Básico e os resultados negativos de uma CPI sobre o trabalho da companhia lançaram a discussão pública sobre os termos da renovação. Vale lembrar que em 2001 também houve uma Comissão de Investigação da Câmara.

Nota-se, como propõe Motta (2005, p. 5), a serialidade das reportagens que trabalham um mesmo assunto, percebendo, através do tempo a permanência, transformações e complexificações que um mesmo tema toma ao longo do tempo. Ao se estudar o *Foca Livre*, observa-se a perenidade de problemas estruturantes da cidade e também uma constante crítica editorial, com cobranças sobre as autoridades.

242 |

3.2 Moradia e mobilidade urbana/ transporte

Outra abordagem presente no *Foca Livre* é referente à moradia em Ponta Grossa. Em maio de 2000, o jornal laboratorial traz uma reportagem mostrando a realidade do Jardim Esperança (região sudeste da cidade), loteamento ocupado em 1996 (o jornal traz o termo “invadido”), retratando a situação de miséria do local (RODRIGUES, 2000, p. 3). A dez quilômetros de distância do centro, na época cerca de 150 famílias moravam na área em que faltava tudo. As moradias precárias, em sua maioria erguidas com restos de construção, estavam a mais de três quilômetros da escola mais próxima e não contavam com saneamento básico, iluminação pública e transporte coletivo. A realidade do Jardim Esperança não era diferente do da Vila Dalabona (região oeste) (LASKOS, 2003, p. 6). A reportagem do jornal de abril daquele ano trouxe a

reivindicação dos moradores da localidade, que paralisaram o trânsito e queimaram pneus buscando melhorias na pavimentação das ruas, e a construção de uma creche para atender a comunidade. Em ambas situações, a Prefeitura alegou que algumas das solicitações requeridas são dificultadas pela distância das localidades.

Segundo outra reportagem em 2003, Ponta Grossa possuía o segundo maior número de favelas do Paraná (PIMENTA, 2003, p. 3). No período, a cidade carregava a marca de 8% da população sem renda e 13% vivendo com menos de um salário mínimo no mês. De acordo com o IBGE (2010), favela é um agrupamento de no mínimo 50 casas, construídas de forma desordenada e sem estrutura suficiente para uma qualidade saudável de vida. Em 2003, Ponta Grossa contava com 22 favelas e 124 focos de favela, em sua maioria concentradas nas proximidades dos arroios. Em entrevista com a chefe de divisão social da Companhia de Habitação de Ponta Grossa (PROLAR), o jornal apurou que em média, a maioria das casas dessas localidades é feita de junções de madeiras e construções destruídas e não possuía água encanada, esgoto e energia elétrica.

Ainda sobre as áreas periféricas e a moradia, o especial de duas páginas, no mês de maio de 2007, mostrou as dificuldades nessas localidades (BUENO et al., 2007, p. 5). Das 59.349 pessoas que, na época, viviam em situação de pobreza, com renda familiar de até meio salário mínimo, 54% estavam concentradas em áreas periféricas de Ponta Grossa. As moradias nessas localidades são problemáticas devido ao fenômeno frequente em cidades de crescimento desordenado em que as desigualdades e dificuldades se manifestam, principalmente, nas regiões mais distantes do centro, comprometendo a qualidade de vida desses cidadãos.

A chamada de capa de setembro de 2009 denunciava o problema com as moradias na cidade – ‘Moradias irregulares’. Casas são construídas a um metro de arroio e colocam a vida da população em risco (CAMARGO, 2009, p. 6). Na reportagem, novamente os dados demonstram que a maioria das casas em situação de risco estava às margens de arroios, cerca de 90%. Enquanto os moradores das regiões reclamavam seus direitos, a Prefeitura alegava ser de sua propriedade as áreas em que os moradores residiam, e que o município não

O jornal-laboratório como crítica da cidade:

saneamento básico, moradia e mobilidade urbana nas páginas do Foca Livre

possuía dinheiro para bancar as obras de infraestrutura nos loteamentos. Situação diferente foi mostrada na edição de outubro do mesmo mês, em que o *Foca Livre* trouxe a entrega das primeiras 50 residências do projeto federal Minha casa, minha vida (LIEVORE, 2009, p. 3).

Com seis fotos coloridas na página especial de outubro de 2011 (Anexo 3), as moradias de risco novamente vieram com destaque no jornal, dessa vez através da preocupação da Defesa Civil com as casas próximas às ferrovias (ANTONIO, 2011, p. 3). Muitas das casas instaladas no bairro Borato (extremo oeste da cidade) estavam a menos de 30 metros da linha férrea, tornando-as domínio do Estado. De acordo com a Prefeitura de Ponta Grossa, o remanejamento seria a melhor saída para essas famílias. Já os moradores alegavam que várias vezes foram informados do dever de sair do local, o que nunca passou de boatos. Enquanto o cadastro das famílias que viviam em situação de risco não era efetivo, a população, sem opção para morar em outro lugar, instalou-se nas proximidades da linha do trem. Convivia ainda com o risco dos trilhos, principalmente para as crianças.

244

Os problemas de moradias que atingem os fundos de vales e as áreas periféricas da cidade compõem um conjunto de problemas de acesso às políticas públicas. A ocupação desordenada reflete diretamente na baixa qualidade do serviço prestado no transporte coletivo urbano e nas dificuldades de mobilidade urbana. *Pari passu* os problemas de moradia têm ligação direta com a falta de planejamento e ações governamentais descontextualizadas das políticas públicas necessárias. A situação é estruturalmente mais cruel com a população mais pobre, que sofre com a distância, com a falta de serviços essenciais e ainda precisa conviver com o preço alto da passagem.

Em 1992, o aumento de 100% na tarifa da passagem do ônibus em Ponta Grossa não passou despercebido pelo *Foca Livre* (STRIMEL; KAMIENSKI, 1992, p. 3). Um problema crônico, e de grande expressão no jornal, o transporte coletivo apareceu em diversas reportagens, na grande maioria tratando das deficiências do sistema. Nessa ocasião, o bilhete único já era reivindicação dos usuários, mas o que mais preocupava eram os horários, principalmente das linhas que ligavam as regiões mais afastadas do centro.

Em abril de 1995, a situação era semelhante. A matéria da capa, nesse momento ainda em preto e branco, demonstrava a insatisfação da população. Na imagem da capa, um amontoado de pessoas em um ônibus, junto da legenda “Cena comum nos terminais de Ponta Grossa” (OLIVEIRA, 1995, p. 1), refletia o caos que desde 1995 incomoda os ponta-grossenses.

O reajuste de 5% na passagem de ônibus para estudantes, que a reportagem *Transporte coletivo está mais caro* (FRARE, 1996, p. 3) trouxe em junho de 1996, mostra o início da batalha entre a empresa que presta o serviço de transportes para a Prefeitura e alunos municipais, estaduais e universitários da cidade. Dez anos mais tarde, em abril de 2006, os reflexos das deficiências no transporte coletivo e o aumento do valor da passagem impulsionaram a primeira grande manifestação da população contra a Viação Campos Gerais (VCG), capa do *Foca Livre* daquele mês. A partir dessa disputa, o transporte não deixou de ser destaque do jornal.

Em abril de 2008, o cartão de meia passagem era utilizado por 15 mil estudantes, mas nem todos possuíam o direito de 50% de desconto (TAVARES; RODRIGUES, 2008, p. 5). Nesse especial do jornal, o transporte coletivo foi visto a partir das necessidades e perspectivas dos estudantes e usuários dos ônibus, e confrontado com os argumentos do chefe da Divisão de Fiscalização Viária da Prefeitura, que alegou ser prejudicial para os outros usuários que estudantes tivessem o desconto de meia passagem. Um ano depois, em setembro de 2009, a reportagem do *Foca Livre* traz um levantamento dos últimos três anos do transporte público, e as manifestações, greves e paralisações consequentes da defasagem do serviço, apontando os maiores problemas (como a falta de linhas, pontos de embarque, horários espaçados) que a população enfrenta diariamente para se mover pela cidade (GALVÃO, 2009, p. 3).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo fundamental deste trabalho foi investigar como o jornal-laboratório *Foca Livre* constrói algumas narrativas sobre o saneamento básico, moradia e mobilidade urbana, a partir de reportagens realizadas ao longo desses 23 anos de sua existência. Considerando os estudos de Motta (2005), os recortes temáticos analisados na perspectiva de um acontecimento jornalístico,

O jornal-laboratório como crítica da cidade:

saneamento básico, moradia e mobilidade urbana nas páginas do Foca Livre

mostram que de fato os assuntos tratados são importantes para a história do *Foca Livre*, bem como para a cidade de Ponta Grossa.

A política editorial, ainda que com mudanças constantes de docentes e estudantes, revela certa perenidade quanto ao tratamento de problemas estruturais da cidade. O contato dos estudantes com políticas públicas integra a formação política e de cidadania ao exercício do jornalismo, vontade que se manifesta no esforço de investigação dos estudantes e no processo de orientação dos docentes, ainda que com mais ênfase em alguns anos em detrimento de outros.

A utilização do método proposto por Motta (2005) permite notar grandes narrativas críticas realizadas pelo jornal ao tratar dos problemas decorrentes da ausência de saneamento básico, moradia e transporte público na cidade de Ponta Grossa. As entrevistas com moradores e autoridades declarando situações similares em um espaço de tempo de 25 anos oferece a possibilidade de ratificar que os problemas de moradia, transporte público e saneamento têm direta ligação com a forma de ocupação de regiões de riachos e fundos de vale, além do processo de expulsão da população para regiões afastadas do centro. Permite ainda a localização de instituições e sujeitos da cidade que deixam de exercer suas funções em conformidade com o que as políticas públicas exigem e a população precisa.

O exercício demonstra ainda o papel que o jornal exerce como agente crítico e propositivo. O sentido de fiscalização e cobrança das autoridades permeia a produção nos 25 anos analisados, o que oferece pistas para o modo como o jornal insere o curso de Jornalismo nas políticas públicas da cidade. Essa presença resulta, em parte, da política pedagógica do curso, que torna o jornal-laboratório um espaço de experimentação para o exercício profissional, inserindo os estudantes à realidade da periferia e dos problemas que atingem a cidade.

Por fim, a análise revela o valor histórico e pragmático de análises dessa natureza. Primeiro, pela identificação direta da perenidade de certos temas e problemas na agenda da cidade, o que pressupõe o não cumprimento e o descaso na execução de políticas públicas básicas. Segundo, pela possibilidade que o arquivo oferece como sistematização, integração, acompanhamento e

fundamentação de pautas sobre a cidade, em especial em anos como o de 2016, em que ocorreram discussões sobre o Plano Diretor e o Plano de Saneamento Básico da cidade, além de eleições municipais. Por fim, por uma espécie de recuperação ética do trabalho jornalístico e do papel das escolas de jornalismo no processo formativo desses futuros profissionais. 

REFERÊNCIAS

ANTONIO, Gildo. Moradias em área de risco preocupam Defesa Civil na região. **Foca Livre**, Ponta Grossa, p. 3, out. 2011.

BUENO, Marianna; MENEZES, Franciely. Prefeitura garante 15 anos para aterro Botuquara. **Foca Livre**, Ponta Grossa, p. 4, abr. 2007.

BUENO, Marianna et al. Desigualdade social afeta qualidade de vida. **Foca Livre**, Ponta Grossa, p. 5, abr. 2007.

CAMARGO, Isadora. 8 mil famílias ocupam áreas irregulares. **Foca Livre**, Ponta Grossa, p. 6, set. 2008.

DEL NÓBILE, Karin. Busca de soluções para o aterro sanitário do Botuquara. **Foca Livre**, Ponta Grossa, p. 3, set. 2014.

ESSERT, Harald. Centros urbanos são os principais poluidores dos arroios da cidade. **Foca Livre**, Ponta Grossa, p. 6, out. 2008.

FRARE, Janaína T. Transporte coletivo está mais caro. **Foca Livre**. Ponta Grossa, p. 3, jun. 1996.

GALVÃO, Mariana. População insatisfeita com transporte público. **Foca Livre**, p.3, set. 2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Aglomerados subnormais**: informações territoriais. Brasília, 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/000000151648112_02013480105748802.pdf>. Acesso em: 17 maio 2016.

_____. **Cidades**. Brasília, 2016. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=411990>>. Acesso em: 24 set. 2016.

LASKOS, Estela. Bairro da periferia reivindica melhoras. **Foca Livre**, Ponta Grossa, p. 6, abr. 2003.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 4. ed. Campinas: Editora Unicamp, 1990.

LIEVORE, Maria Fernanda. Projeto “Minha casa, minha vida” entrega as primeiras 50 residências. **Foca Livre**, Ponta Grossa, p. 3, out. 2009.

O jornal-laboratório como crítica da cidade:

saneamento básico, moradia e mobilidade urbana nas páginas do Foca Livre

LOPES, Dirceu Fernandes. **Jornal-laboratório**: do exercício escolar ao compromisso com o público leitor. São Paulo: Summus, 1989.

MELO, José Marques de. **O ensino de jornalismo**. São Paulo: Escola de Comunicações Culturais/USP, 1972.

MEZZON, Graciela; PONTES, Felipe S. Prática jornalística na UEPG: o percurso do jornal-laboratório nos 20 anos do curso de Comunicação Social. In: SEMINÁRIO DE INVERNO DE ESTUDOS EM COMUNICAÇÃO, 8., 2005, Ponta Grossa. **Anais...** Ponta Grossa: Agência de Jornalismo da UEPG, 2005. 1 CD-ROM.

MOTTA, Luiz G. Análise pragmática da narrativa. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28., 2005, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro: Intercom, 2005. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/10576805284273874082859050172652314_2_462.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2016.

MOURA, Janaína. Plano diretor prioriza redes de esgoto. **Foca Livre**, Ponta Grossa, p. 3, abr. 2003.

OLIVEIRA, Jorgelene. Transporte: Insatisfação Coletiva. **Foca Livre**, Ponta Grossa, abr/maio. 1995.

PETRARCA, Fernanda. As condições sociais de emergência e desenvolvimento do jornalismo no Brasil. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 4., 2006, Porto Alegre. **Anais eletrônicos...** Porto Alegre: SBPJor, 2006. Disponível em: <<http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/resumod.php?id=337>>. Acesso em: 17 maio 2016.

PIMENTA, Rubia. Ponta Grossa tem segundo maior número de favelas do Paraná. **Foca Livre**, Ponta Grossa, p. 3, abr. 2003.

PISSAIA, Rosana. Saneamento básico e pavimentação deixam a desejar na periferia. **Foca Livre**, Ponta Grossa, p. 4, nov. 1992.

RODRIGUES, Eloir. Jardim Esperança: um retrato da pobreza em Ponta Grossa. **Foca Livre**, Ponta Grossa, p. 4-5, maio 2000.

RODRIGUES, Lorena. Burocracia atrasa obras em arroio. **Foca Livre**, Ponta Grossa, p. 3, maio 2000.

SANTOS, Valdir dos. Justiça determina aterramento do lixão. **Foca Livre**, Ponta Grossa, p. 3, maio 2001.

SCHEIFER, Leticia. Obras do aterro iniciam sem aprovação do Conselho Municipal de Meio Ambiente. **Foca Livre**, Ponta Grossa, p. 3, maio 2009.

SCHOENHERR, Rafael. Tratamento de esgoto é privilégio. **Foca Livre**, Ponta Grossa, p. 3, dez. 2001.

SOUZA, Celina. Políticas públicas: uma revisão de literatura. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 8, n. 16, p. 20-45, jul./dez. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/soc/n16/a03n16>>. Acesso em: 3 maio 2016.

TAVARES, Camila; RODRIGUES, Paula. Alunos enfrentam problemas no transporte. **Foca Livre**, Ponta Grossa, p.5, abril. 2008.

VIEIRA JÚNIOR, A. **Uma pedagogia para o jornal-laboratório**. 2002, 262 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

VILAÇA, Gabriela T. **Jornal-laboratório: uma análise da aplicação prática de critérios e conceitos jornalísticos no jornal Impresso**. Covilhã: Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, 2011. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/vilaca-gabrielajornal-laboratorio-a-analise.pdf>>. Acesso em: 17 maio 2016.

XAVIER, Cíntia; BRONOSKI, Marcelo E. Rotinas produtivas em jornal-laboratório a partir da experiência do Foca Livre – UEPG-PR. **Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo**, Brasília, v. 1, n. 6, p. 173-185, maio 2010. Disponível em: <<http://www.fnj.org.br/rebej/ojs/index.php/rebej/article/viewFile/158/101>>. Acesso em: 25 maio 2016.

ANEXO 1 – CAPA DO *FOCA LIVRE* DE SETEMBRO DE 2009



Fonte: Os autores.

O jornal-laboratório como crítica da cidade: saneamento básico, moradia e mobilidade urbana nas páginas do Foca Livre

ANEXO 2 – PÁGINA 6 DO *FOCA LIVRE* DE OUTUBRO DE 2008



Fonte: ESSERT, Harald. Centros urbanos são os principais poluidores dos arroios da cidade. **Foca Livre**, Ponta Grossa, p. 6, out. 2008.

250 |

ANEXO 3 - PÁGINA 11 DO *FOCA LIVRE* DE OUTUBRO DE 2011



Fonte: ANTONIO, Gildo. Moradias em área de risco preocupam Defesa Civil na região. **Foca Livre**, Ponta Grossa, p. 3, out. 2011.